



UM OLHAR SOCIOLINGUÍSTICO SOBRE O PORTUGUÊS MOÇAMBICANO: A CONCORDÂNCIA VERBAL DE TERCEIRA PESSOA DO PLURAL¹

A SOCIOLINGUISTIC LOOK AT MOZAMBICAN
PORTUGUESE: THE THIRD PERSON PLURAL VERBAL
AGREEMENT

Karen Cristina da Silva Pissurno
Universidade Federal do Rio de Janeiro (karenchrisufrj@gmail.com)

Silvia Rodrigues Vieira
Universidade Federal do Rio de Janeiro (silviavieira@hotmail.com)

Resumo: Estudo sociolinguístico sobre a concordância verbal de 3ª pessoa no Português de Maputo, Moçambique. A partir dos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança (WLH, 1968), o objetivo é constatar o estatuto da regra (LABOV, 2003) de marcação de plural na variedade moçambicana. Assim, observaram-se as restrições (extra)linguísticas que condicionam a concordância. Os resultados obtidos por meio do programa *GOLDVARB X* revelam o comportamento de uma regra semicategórica (96.8% de marcas), índice que deve ser compreendido após análise qualitativa, que aponta a existência de contextos efetivamente variáveis. No entanto, a particularidade da situação multilíngue de Moçambique localizaria a variedade em posição intermediária dentro de um *continuum* de padrões de concordância da Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Português Moçambicano; Sociolinguística; Multilinguismo; Concordância Verbal

¹ O presente artigo apresenta um recorte da dissertação de mestrado de Pissurno (2017), que investigou o fenômeno na variedade moçambicana em maiores detalhes.

Abstract: Sociolinguistic study on verbal agreement of 3rd person in the Portuguese of Maputo, Mozambique. From the assumptions of the Theory of Variation and Change (WLH, 1968), the objective is to verify the status of the agreement rule (LABOV, 2003) in the Mozambican variety. Thus, the (extra)linguistic restrictions that constrain the rule were observed. Through the statistical treatment performed in GOLDVARB X, the results obtained reveal the behavior of a semicategorical rule (96.8% of marks), which must be understood after qualitative analysis, that indicates the existence of effectively variable contexts. However, the particularity of Mozambique's multilingual situation would establish an intermediary position for the variety within a continuum of the Portuguese agreement standards.

Keywords: Mozambican Portuguese; Sociolinguistics; Multilingualism; Verbal Agreement.

INTRODUÇÃO

Embora Moçambique tenha recebido os primeiros portugueses em 1498, apenas cerca de 400 anos mais tarde foi estabelecida uma política mais efetiva com o objetivo de educação e assimilação cultural por meio da introdução do Português como língua de instrução escolar (cf. GONÇALVES, 2010 para mais detalhes sobre esse processo histórico). Após a independência do país, em 1975, o Português é, então, definido como língua oficial e passa a ser adotado como a única fonte de comunicação oficial e de formação escolar. A consequência desse longo processo foi a transmissão muito lenta e, possivelmente, irregular, da Língua Portuguesa aos indivíduos que faziam, e ainda fazem, uso de línguas autóctones em contextos não oficiais, como, por exemplo, no seio familiar, nas práticas comerciais e religiosas.

Quanto à questão linguística em Moçambique, destaca-se que existem mais de 20 línguas da família Bantu (SITOE; NGUNGA, 2000) em circulação por todo o país, configurando uma situação bastante expressiva de multilinguismo, uma vez que a maioria desses indivíduos fala Português, especialmente os que têm/tiveram acesso ao ensino formal, e domina, ao menos, um dos idiomas nacionais. Sendo assim, é possível afirmar que a distribuição de falantes de Língua Portuguesa se dá de maneira bastante diversificada, em relação ao domínio de uma ou mais dessas línguas em contato. Nesse sentido, no âmbito da presente pesquisa supõe-se haver, ao menos, três perfis de falantes de Português, segundo as declarações dos próprios participantes envolvidos:

- (i) Falantes de Português como língua materna (L1) – indivíduos mais jovens, que nascem, atualmente, em uma realidade na qual a Língua Portuguesa já faz parte do cotidiano dos moçambicanos, por ser o idioma oficial do país, tornando-se sua primeira língua;

-
- (ii) Falantes de Português como segunda língua (L2) – aqueles que vivem, preferencialmente, nas zonas urbanas, e aprendem a língua só quando vão à escola, enquanto nos ambientes familiares continuam a utilizar seus idiomas locais;
 - (iii) Falantes de Português como uma língua estrangeira (LE) – aqueles que, por viverem nas zonas mais rurais, não tiveram acesso à escola e, portanto, só usam o Português nas situações em que o seu idioma não é aceito.

Diante desse cenário tão variado de domínio do idioma, presume-se que seja de grande relevância investigar o Português de Moçambique, já que este aponta para novas descobertas científicas acerca das variedades de Língua Portuguesa, principalmente por causa da situação de contato multilinguístico, fator que não se manifesta com as mesmas feições nas realidades brasileira e europeia, intensamente exploradas em estudos sociolinguísticos (para um resumo dos trabalhos já realizados nessas variedades, cf. VIEIRA; BAZENGA, 2015). Ademais, a análise e a descrição da variedade moçambicana, pouco observada em pesquisas de caráter quantitativo, pode permitir a evolução do debate sobre a convivência de normas do Português.

A partir dessas motivações, o presente trabalho tem por objetivo fornecer dados de natureza sociolinguística sobre o Português falado em Moçambique, especialmente no que tange aos padrões de concordância verbal de terceira pessoa do plural. Contudo, vale ressaltar que, devido ao contexto multilíngue já indicado, os dados obtidos nessa variedade carecem de um tratamento mais delicado, que levem em conta os fatores histórico-sociais que envolvem o uso das línguas em contato. Logo, objetiva-se, igualmente, discutir se as línguas faladas na região realmente oferecem algum tipo de influência sobre a Língua Portuguesa desses indivíduos, particularmente nos resultados referentes ao fenômeno em observação.

Considerando todos esses fatores, pretende-se responder, fundamentalmente, a três perguntas básicas. A primeira delas refere-se ao estatuto da regra de concordância no Português Moçambicano, isto é, consoante Labov (2003), trata-se de uma regra categórica, semicategórica ou variável?; a segunda relaciona-se à investigação das restrições dessa regra, ou seja, quais são as variáveis linguísticas e extralinguísticas que atuam sobre o cancelamento das marcas de número?; e, por fim, a terceira pergunta tem por função identificar se o estatuto do Português, como língua materna (L1) ou como segunda língua (L2),

afeta os resultados gerais, quer dizer, o Português L1 ou L2, associado ao uso de línguas *Bantu*, tem alguma influência sobre os resultados obtidos?

Para alcançar os objetivos ora traçados, o texto será assim organizado: na próxima seção serão indicadas a fundamentação teórica e a metodologia utilizadas na investigação; em seguida, os resultados da análise estatística da amostra em estudo serão expostos; uma breve discussão sobre os dados da variedade em relação ao Português Europeu e ao Brasileiro será traçada na seção seguinte; e, por último, serão feitas as considerações finais.

1 APORTE TEÓRICO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Tomando por base o fato de que a língua é heterogênea e a variação é inerente a qualquer sistema linguístico, o aporte teórico que sustenta os pressupostos gerais do presente estudo é a Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968). De acordo com tal perspectiva, entende-se que a variação resulta do uso regular de restrições linguísticas que determinam o emprego das formas, dependendo das circunstâncias internas e externas ao fenômeno examinado. Em outras palavras, a alternância de uso entre variantes não é aleatória, mas sim motivada por fatores propriamente linguísticos e outros sociais, que influenciam o funcionamento do sistema da língua em questão.

Para além disso, teorias relacionadas à aquisição de segunda língua (KRASHEN, 1982, 1985) e ao bilinguismo (ROMAINE, 1995; APPEL; MUYSKEN, 2005) também são utilizadas como sustentação para as discussões acerca da situação multilíngue da sociedade moçambicana, pois esses estudos ajudam a compreender como os falantes adquirem línguas nesse contexto e como lidam com o conhecimento de cada uma delas ao longo da vida. Um ponto importante a ser destacado aqui é o fato de que, diante de um universo tão variado de idiomas em uso concomitante, todos os indivíduos estão envolvidos no processo de bilinguismo, em maior ou menor escala. Em resumo, independentemente do nível de proficiência em Português e em uma (ou mais) das outras línguas, quase todos os moçambicanos passam, de alguma forma, por estágios de bilinguismo, ainda que seja de forma passiva, isto é, não produzem muito *output* em outras línguas, mas são capazes de compreendê-las.

Quanto aos processos metodológicos, a análise multivariada dos dados de Moçambique foi realizada através do pacote de programas *Goldvarb-X*.

Primeiramente, todas as ocorrências de 3ª pessoa do plural, com ou sem marcas explícitas, foram coletadas; em seguida, esses dados foram codificados de acordo com as variáveis definidas para o trabalho, a saber: (i) *linguísticas*: posição do sujeito em relação ao verbo, a distância entre o núcleo do sintagma nominal e o verbo, a presença de elementos intervenientes, a configuração morfosintática do sujeito, o número de constituintes do sujeito, o paralelismo oracional, a animacidade do sujeito, a saliência fônica, o tempo/modo verbal e o tipo de verbo; (ii) *extralinguísticas*: escolaridade, faixa etária, sexo, localidade, língua materna, língua(s) dominada(s) pelo informante, e o informante em si. A terceira etapa efetuada foi a execução do programa computacional, através de 25 rodadas estatísticas (considerando grupos diferentes de informantes, analisando somente variáveis clássicas e/ou todas as variáveis, separando níveis de escolaridade, entre outras alterações) e 8 cruzamentos entre as variáveis que demonstravam algum tipo de interação. Por fim, sucedeu-se à análise e à interpretação dos resultados, em termos qualitativos e quantitativos.

Salienta-se que os resultados ora apresentados foram retirados da pesquisa de mestrado de uma das autoras deste artigo (PISSURNO, 2017), cuja investigação envolve a amostra Moçambique/Maputo do Corpus Concordância (cf. www.comparaport.com.br), disponibilizado pelo Projeto *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias* (Hoje, remodelado no Projeto ALFAL 21). Dessa amostra, foram analisadas 18 entrevistas, com informantes distribuídos da seguinte maneira: sexo feminino ou masculino, faixa etária (18-35 anos; 36-55 anos; acima de 56 anos) e nível de escolaridade (ensino fundamental; ensino médio; ensino superior).

Após a realização das rodadas multivariadas e a seleção daquela que melhor apresentou as tendências gerais, com *input* de 0.01 de não marcação de plural e significância 0.04, seis variáveis mostraram-se relevantes para a amostra, quais sejam: língua(s) dominada(s) pelo informante, posição do sujeito, saliência fônica, escolaridade, paralelismo clausal e tipo de verbo. A apresentação da análise desses grupos de fatores, que virá na próxima seção, começará pela exposição dos condicionamentos sociais selecionados pelo programa estatístico e continuará, logo após, com as restrições linguísticas que atuaram efetivamente sobre os dados.

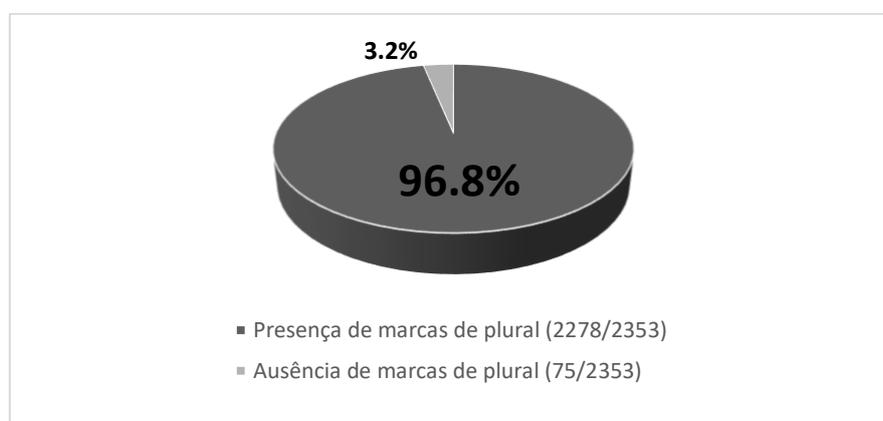
2 O COMPORTAMENTO DO FENÔMENO NA AMOSTRA

Segue-se, agora, o detalhamento dos dados, através da exposição de tabelas e gráficos que exibem os resultados obtidos, conforma disposto em três subseções: (2.1) resultados gerais; (2.2) comportamento das variáveis extralinguísticas; (2.3) comportamento das variáveis linguísticas.

2.1 RESULTADOS GERAIS

O Gráfico 1, a seguir, revela a forte preferência pela concordância de número considerada padrão na amostra moçambicana, constituindo, consoante Labov (2003), o perfil de uma regra semicategórica de marcação plural, chegando aos 96,8% de aplicação das marcas. Como a legenda indica, foram 2.353 dados analisados, dentre os quais 2.278 continham marcas explícitas de plural e somente 75 ocorrências não as possuíam.

Gráfico 1 - Distribuição dos dados com e sem marca verbal de 3ª pessoa plural no Português de Moçambique (PM)



Fonte: Adaptado de Pissurno (2017, p. 155)

2.2 Variáveis extralinguísticas

2.2.1 Língua(s) dominada(s) pelo informante

Língua(s) dominada(s) pelo informante foi a primeira variável selecionada pelo programa, em quase todas as rodadas nas quais foi analisada, e revela-se, como a Tabela 1 mostra, de grande relevância para amostra em questão, já que o

fato de o indivíduo ter mais contato com línguas locais realmente afeta a produção de marcas verbais.

Tabela 1 – Ausência de marca verbal de 3ª pessoa plural segundo a atuação da variável *Língua(s) dominada(s) pelo informante* no Português de Moçambique (PM)

	Ocorrências	Valor Percentual	Peso Relativo
Só fala Português ou apenas compreende línguas locais	24/820	2.9%	.51
Fala, fluentemente, Português e línguas locais (em determinados contextos)	39/1487	2.6%	.47
Fala mais línguas locais do que Português	12/44	27.3%	.89

Fonte: Pissurno (2017, p. 156)

Os resultados indicam dois comportamentos opostos, a depender da relação do informante com as línguas. Enquanto aqueles que declaram fazer uso mais constante de línguas locais demonstram o desfavorecimento das marcas (.89), os outros dois grupos apontam para o favorecimento das mesmas (.51 e .47, respectivamente). Tal cenário, apesar de contrariar a expectativa inicial, que supunha um comportamento escalar, isto é, quanto maior fosse o contato com o Português, maiores seriam os índices de favorecimento à concordância, confirma que as línguas locais podem, de fato, influenciar a utilização de marcas e, ao mesmo tempo, atesta que o bilinguismo também possui efeito relevante sobre os dados, já que os grupos nessa situação também não alcançam níveis muito altos de marcação plural. A esse respeito, Pissurno (2017) esclarece:

[...] o fato de se declararem falantes de Português L1 [...] não significa que, necessariamente, tenham pleno domínio do português tido como padrão. Considera-se, nesse caso, especialmente o primeiro grupo de falantes, que contém indivíduos que afirmam “compreender línguas locais”, fato que, de acordo com Romaine (1995), já os classifica como bilíngues passivos, suscetíveis aos mesmos fenômenos variáveis de qualquer outro falante. Da mesma forma, no que se refere ao fato de os indivíduos do segundo grupo falarem fluentemente línguas locais e Português, é possível que haja a

confluência de muitos falantes bilíngues, aqueles que adquiriram as línguas ao mesmo tempo, desde crianças, independentemente de seu grau de escolaridade. Nesse caso, a aquisição simultânea possibilitaria um nível de proficiência muito similar nessas línguas, o que poderia causar oscilação em sua fala e, ao mesmo tempo, permitir que a aquisição das regras da Língua Portuguesa seja mais natural, resultando no leve favorecimento de uso das regras padrão. (PISSURNO, 2017, p. 157-158).

Levando em conta essas considerações, percebe-se que o conhecimento de Português como uma L1 ou como uma L2 tem relevância sobre os dados dessa amostra. Pissurno (2017) afirma que para os indivíduos que aprendem a Língua Portuguesa como idioma materno há mais chances de evoluir nos estudos do que para os falantes de segunda língua, porque estes tendem a ter mais dificuldades de desenvolver o idioma, já que são influenciados, inevitavelmente, pelas línguas autóctones. Em poucas palavras, pode-se dizer que o nível de domínio do Português e a forma como este foi adquirido têm implicações que refletem em outros fatores sociais, como a escolaridade, próximo fator a ser investigado.

2.2.2 Escolaridade

O nível de escolaridade, quarta variável indicada pelo *Goldvarb-X*, evidencia uma característica em comum com as variedades urbanas brasileiras (cf. VIEIRA, BAZENGA, 2015), que é o desempenho escalar dos anos de formação escolar, ou seja, mais anos de escolaridade significam maiores índices de marcação de plural, como a Tabela 2 mostra:

Tabela 2 – Ausência de marca verbal de 3ª pessoa plural segundo a atuação da variável *Escolaridade* no Português de Moçambique (PM)

	Ocorrências	Valor Percentual	Peso Relativo
Ensino Fundamental	46/765	6%	.71
Ensino Médio	16/844	1.9%	.42
Ensino Superior	13/742	1.8%	.35

Fonte: Pissurno (2017, p. 163)

Conforme os valores indicados, observa-se que os informantes de ensino médio e superior são favorecedores da concordância, registrando, respectivamente, pesos relativos de .42 e .35 para a ausência de marcas. É válido ressaltar que a diferença entre o número de dados sem marca de plural produzido por esses grupos é bastante pequena, somente três dados a mais no

ensino médio, situação que confirma que há outros fatores atuando sobre essa variedade, pois apenas a alta escolaridade não é condição para marcação categórica de plural. Por outro lado, os indivíduos com menos anos de escolaridade, aqueles do ensino fundamental, são os que mais fornecem ocorrências sem marcas explícitas de número (.71 para não concordância), reafirmando que pouca escolaridade atua sobre o menor domínio das regras do Português tido como padrão.

Resumidamente, pode-se dizer que as duas variáveis ora discutidas refletem traços bastante significativos para a variedade moçambicana, sendo ambas de grande relevância para o estudo. No entanto, é importante destacar que a relação destas com outras variáveis extralinguísticas, analisadas em Pissurno (2017), salienta características elucidativas sobre a realidade social que envolve o Português de Moçambique, ainda que não tenham sido selecionadas pelo programa computacional. Porém, por motivos de espaço e delimitação do texto, optou-se por apresentar aqui apenas as variáveis sociais com relevância estatística.

2.3 Variáveis linguísticas

2.3.1 Posição do sujeito

Confirmando a hipótese já prevista para esse grupo de fatores, sujeitos em posição anterior ao verbo favorecem a presença de marcas de plural (.42 para não marcação), ao passo que sujeitos em posição posterior ao verbo a desfavorecem (.83 para não concordância), como pode ser visto na tabela a seguir:

Tabela 3 – Ausência de marca verbal de 3ª pessoa plural segundo a atuação da variável *Posição do sujeito* no Português de Moçambique (PM)

	Ocorrências	Valor Percentual	Peso Relativo
Sujeito anteposto	32/1228	2.6%	.42
Sujeito posposto	21/223	9.4%	.83

Fonte: Pissurno (2017, p. 175)

Vejam-se os exemplos que confirmam as tendências encontradas no *corpus*:

- (1) se [os pais] *agem* dessa forma eles não tornam-se obedientes mas sim rebeldes... (PMOC2H)
- (2) [as mulheres] *gostam* de servir seus maridos (PMOA3M)

-
- (3) são casos muito muito raros assim acontece *deve ser* [pessoas] sei lá ... não sei se muita atrasada é: mas que eu realmente notei é que fazem o casamento civil e (vão depois) para o católico mas lá atrás não deixaram de fazer (PMOC1M)
 - (4) *fica* [homens] de um lado... mulheres de outro... não entram crianças... (PMOB2M)

Assim, sujeitos antepostos favorecem a concordância, como nos exemplos (1) e (2), enquanto sujeitos pospostos influenciam a ausência de marcas no verbo, como em (3) e (4). Além disso, outra tendência observada na natureza dos dados, mas não confirmada estatisticamente, foi a de que quando os sujeitos não estão expressos, há expressivo número de dados de ausência de pluralidade. Como afirma Pissurno (2017), das 75 ocorrências de não concordância, 22 eram de sujeitos não-expressos, um número razoável dentro do universo investigado.

A explicação para esse fator não ter sido significativo na amostra, provavelmente, pode estar relacionada a uma interferência entre a variável *posição de sujeito* e o *tipo de verbo*, já que, em muitos dos dados de não marcação com sujeitos não-expressos, foi registrada a presença de verbos inergativos/inacusativos, como o '*existir*'. Além disso, também houve a ocorrência dessa forma com sujeitos pós-verbais, estrutura que, do mesmo modo, favorece a ausência de marcas. Observem-se alguns exemplos dessas construções:

- (5) {mulheres submissas} ainda *existe* existem mas agora normalmente não... existe ainda *existe* mas não muito assim... (PMOA2M)
- (6) {mulheres que são agredidas} infelizmente *existe* (PMOB3H)
- (7) então ainda *existe* [muitos lobolos] (PMOA1M)
- (8) *existe* [alguns senhores] que ainda têm (PMOC2H)

2.3.2 Saliência fônica

A distribuição dos dados da terceira variável selecionada estatisticamente encontra-se na Tabela 4:

Tabela 4 – Ausência de marca verbal de 3ª pessoa plural segundo a atuação da variável *Saliência fônica* no Português de Moçambique (PM)

	Ocorrências	Percentual	Peso Relativo
Grau 1 – come(m) / fala(m)	51/1319	3.9%	.62
Grau 2 – faz/fazem	5/201	2.5%	.63
Grau 3 – dá/dão	8/339	2.4%	.46
Grau 4 – comeu/comeram	92/237	3.8%	.44
Grau 5 – é/são	2/257	0.8%	.06

Fonte: Pissurno (2017, p. 180)

Como é possível ver, os graus mais altos de saliência favorecem a marcação plural, sendo que os graus 3 e 4 têm pesos relativos bem parecidos (.46 e .44, respectivamente), enquanto o grau 5 se revela como o contexto mais favorecedor de marcas, devido à altíssima saliência entre as formas singular e plural dessa categoria (é x são), indicando somente .06 de desfavorecimento do plural. Por sua vez, e como já era esperado, os graus em que a diferença fônica entre as formas com e sem marcas de plural é mais baixa favorecem a não marcação (.62 no grau 1, .63 no grau 2).

A sequência de ocorrências que segue demonstra essa atuação, do grau mais baixo (grau 1) para o mais alto (grau 5) de saliência fônica entre as formas verbais:

- (9) eu sou pobre eles também *consegue* ver que há () de sair com coisas (PMOB1M)
- (10) é muito importante porque eles se *for* aprender changana há de aprender pelo quiser... (PMOB2H)
- (11) os homens moçambicanos *vão* a África do Sul atrás das minas... de ouro (PMOC3M)
- (12) Algumas pessoas saíram ali e *disseram* que... nós não fomos atacados pelos homens da RENAMO (PMOA2H)
- (13) porque todos os dias... ah:... crescem mais... viatu/mas transportes... mas as estradas são cada vez mais apertadas *são* poucas não há vi/há poucos vias alternativas... (PMOA3H)

Os resultados referentes a essa variável assinalam mais uma característica semelhante ao que ocorre em variedades brasileiras, mas que não é produtiva no Português Europeu, assim como foi o comportamento observado no fator escolaridade. Cabe ressaltar, sob esse prisma, que, como já apontavam Brandão;

Vieira (2014), a saliência fônica é um condicionador essencial para a caracterização das variedades de Língua Portuguesa, já que sinaliza a oposição entre os sistemas brasileiro e europeu quanto à concordância. De acordo com as autoras, a ausência de marcas em cada variedade é condicionada por fatores bastante diversos, incluindo, em especial, a saliência, que é relevante somente em amostras do Português do Brasil e, nessa amostra, também revela o mesmo desempenho.

Resumidamente, o comportamento de algumas restrições permite uma ponderação que aproxima a variedade moçambicana da brasileira, apesar de, em termos quantitativos, os padrões de concordância se comportarem como seu modelo de aquisição, o da variedade europeia. Chega-se a essa reflexão por conta, não só do condicionamento atestado na saliência fônica, mas também pelo fato de o Português de Moçambique ser altamente influenciado pelas variáveis sociais, como explicitado anteriormente. Além disso, até mesmo o fator posição do sujeito corrobora essa afirmação, já que também são encontrados casos de não marcação de plural no contexto mais favorecedor de marcas – sujeito anteposto. Em contrapartida, todas essas restrições atuam de forma bastante diferente no Português Europeu, uma vez que não constituem fatores condicionadores da não concordância nessa variedade, diferentemente do que ocorre nas outras duas que, ao que parece, exibem um comportamento mais variável no que tange ao fenômeno em análise. Tal debate, iniciado em Pissurno (2017), será retomado na Seção 3 do presente texto.

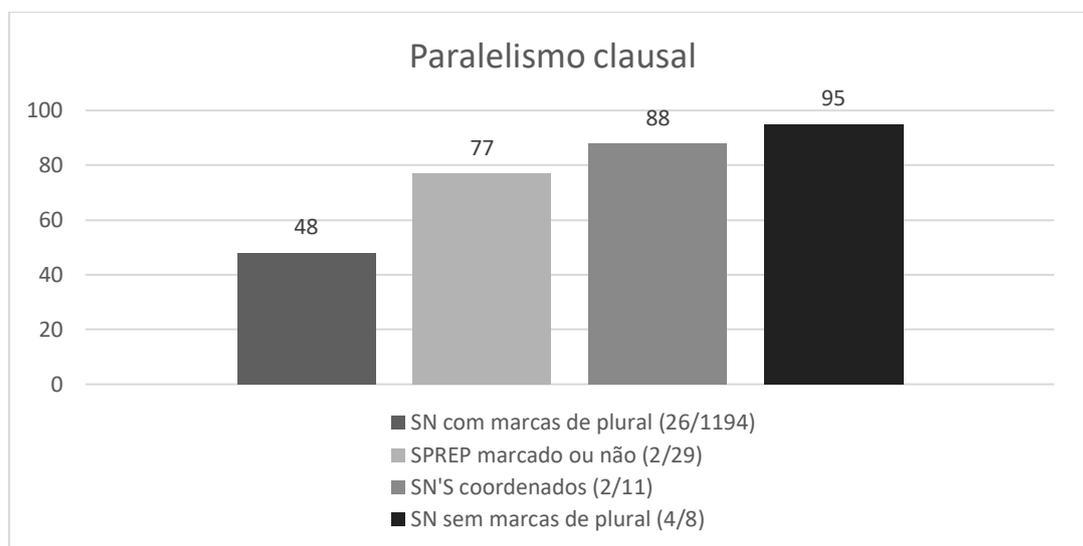
2.3.3 *Paralelismo clausal*

O princípio do paralelismo clausal está na manutenção das formas (SCHERRE; NARO, 1993), isto é, um sintagma nominal com todas as marcas de plural explícitas tende a refletir o mesmo comportamento no verbo que o segue, e, assim, o sintagma verbal também será marcado com pluralidade. Do mesmo modo, se não houver marcas explícitas no sujeito, especialmente no núcleo do sintagma, a tendência é de que as marcas de número também não apareçam no verbo que o segue.

Tal comportamento foi constatado na amostra em estudo, como pode ser observado nos pesos relativos do Gráfico 2, no qual se verifica que quanto mais marcas de plural nos sintagmas pré-verbais, maiores serão as chances de se efetivar a concordância verbal. Logo, os pesos relativos para não concordância são mais altos nos contextos em que não há marcas no sintagma (os filho; as

cidade) ou naqueles em que ora todos os constituintes sejam marcados, ora não, como pode ocorrer com sintagmas preposicionados (as pessoas das cidades; as pessoas da cidade) e sintagmas coordenados (o pai e o tio; o pai e os filhos, os pais e o filho, etc.).

Gráfico 2 – Ausência de marca verbal de 3ª pessoa plural segundo a atuação da variável *Paralelismo clausal* no Português de Moçambique (PM)



Fonte: Adaptado de Pissurno (2017, p. 184)

Dessa maneira, os dados revelam que somente os sintagmas com marcas explícitas favorecem a concordância padrão (.48 para não marcação), ao passo que os outros três contextos – sintagmas preposicionados, sintagmas coordenados e sintagmas sem marcas de plural – a desfavorecem em índices bastante altos (.77, .88, .95, respectivamente). A seguir, os exemplos demonstram o comportamento dos dados encontrados na amostra:

SN com marcas

- (14) [elas] *acham* que é muito bom quando gingam falam português imitam a novela então (PMOA1H)

SPREP com ou sem marcas

- (15) não só mas [as grandes cidades de de Moçambique] né *tá* a atravessar uma fase dessas... (PMOB3H)

SN's coordenados

- (16) [conflitos armados e:: guerra] que *assola* lá na zona centro... (PMOB1H)

SN sem marcas

(17) porque [as mulher] daqui não *deixa* a possibilidade (PMOA1H)

Portanto, essas ocorrências, vistas na quinta variável selecionada pelo *Goldvarb-X*, corroboram o princípio de Scherre; Naro (1993) de que marcas levam a marcas e zeros levam a zeros, uma vez que a ausência de marcas de pluralidade nos sintagmas antecedentes ao verbo favorece a não concordância padrão, enquanto a presença das mesmas tende a acarretar, por repetição de formas, a marcação no elemento seguinte.

2.3.4 Tipo de verbo

A última variável estatisticamente relevante foi o *tipo de verbo*. Para esse grupo de fatores, esperava-se maior favorecimento da concordância por parte dos verbos transitivos, o que foi confirmado nos dados, indicados na Tabela 5:

Tabela 5 – Ausência de marca verbal de 3ª pessoa plural segundo a atuação da variável *Tipo de verbo* no Português de Moçambique (PM)

	Ocorrências	Percentual	Peso Relativo
Inergativos e Inacusativos	24/319	7.5%	.63
Transitivos	40/1589	2.5%	.44
Copulativos	11/445	2.5%	.60

Fonte: Pissurno (2017, p. 186)

Destarte, verbos copulativos (com peso relativo de .60 para não marcação) e inergativos/inacusativos (.63) são os condicionadores da não concordância na amostra analisada, como pode ser visto nos exemplos:

- (18) é verdade que na cidade *existe* [alguns] também sérios (PMOA3M)
- (19) mas *existe* [aqueles] que não conseguem pôr ordem... não conseguem pôr regra... (PMOB3M)
- (20) e os donos da casa também que já *era* [velhinhos] (PMOB2M)
- (21) [seus pais] *é* velho tudo lá a pedir esmola... (PMOC1H)
- (22) [os doutores] *começa* a fugir... o primeiro que saiu aqui... seu doutor Xavier da Cunha... (PMOC1H)

Os verbos transitivos, por sua vez, são aqueles que desfavorecem a ausência de marcas (.44 para não marcação):

- (23) tem [pessoas] que nunca *foram* a escola e *fazem* coisas (PMOB3H)
 (24) [eles] *preferem* mais o lobolo do que qualquer outra coisa... (PMOC2H)

Como foi mencionado na variável *posição do sujeito*, é válido destacar que muitas das ocorrências de inergativos/inacusativos são com o verbo ‘existir’ e na ordem VS, como nos exemplos (18) e (19), o que ratifica “a posição de Scherre; Naro; Cardoso (2007) de que verbos inacusativos/inergativos desfavorecem a concordância especialmente porque seus argumentos tendem a aparecer sempre à sua direita” (PISSURNO, 2017, p. 187). Além disso, o exemplo (20) ainda reitera a proposta dos autores, que afirmam que qualquer argumento posicionado à direita do verbo tende a favorecer a sua não marcação. Nesse exemplo especificamente, também é lícito ponderar a baixa saliência do verbo (era x eram), o que também favorece a ausência de marca, já que esse fator é desfavorecedor da concordância, como discutido anteriormente.

Em (21) e (22), pode-se dizer que somente o tipo de verbo atua sobre a ausência de marcas, uma vez que se trata de verbos condicionadores da não concordância, ou seja, copulativo e inacusativo, respectivamente. Já os exemplos de verbos transitivos, (23) e (24), podem gerar duas interpretações diferentes: as marcas de plural aparecem porque o tipo de verbo é contexto favorecedor ou porque os sujeitos estão em posição anteposta, fator que influencia, igualmente, a presença de concordância padrão.

À vista disso, Pissurno (2017) realizou alguns cruzamentos, que serão brevemente retomados, para identificar a atuação conjunta desses contextos e avaliar a interferência entre certas variáveis. O primeiro cruzamento realizado foi entre posição do sujeito e tipo de verbo, como mostra a Tabela 6:

Tabela 6 - Cruzamento de dados sem marca verbal de 3ª pessoa plural segundo *Posição do sujeito x Tipo de verbo* no Português de Moçambique (PM)

	Verbos Inacusativos/Inergativos		Verbos Transitivos		Verbos Copulativos	
	Oc.	Perc.	Oc.	Perc.	Oc.	Perc.
Sujeito anteposto	6/158	4%	21/852	2%	5/218	2%
Sujeito posposto	11/60	18%	4/26	15%	6/137	4%
Sujeito não expresso	7/101	7%	15/711	2%	0/90	-
Total	24/319	-	40/1589	-	11/445	-

Fonte: Pissurno (2017, p. 188)

Como a autora explica, esses dados comprovam uma correlação entre as variáveis em análise, já que denotam algum tipo de influência sobre os resultados, em especial sobre sujeitos não expressos. Em outras palavras, compreende-se que, apesar da certa quantidade de verbos não marcados quando o sujeito não está expresso verificados na amostra, esse fator parece não ser tão significativo quanto o tipo de verbo para o condicionamento da regra nos dados em que houve essa correlação de traços. Por outro lado, é válido notar que, ao observar o comportamento geral dos dois fatores, a variável *posição do sujeito* revela-se mais relevante do que o *tipo de verbo* para o *corpus* em questão.

De fato, existe uma incidência de verbos inacusativos/inergativos em posição posposta (60/319) maior do que a de verbos transitivos (26/1589 dados), o que demonstra certa associação entre tipo de verbo e posição do sujeito, nesse caso. Em termos percentuais, entretanto, a posposição afeta os níveis de concordância de verbos inacusativos/inergativos (18%), mas também de transitivos (15%), o que mostra ser a posição o fator efetivamente mais relevante, como demonstrou a seleção feita pelo *GOLDVARB*. No caso dos verbos copulativos, os índices percentuais entre sujeitos antepostos e pospostos são bem próximos. Com relação aos sujeitos não expressos, a ausência de marcas realmente incide mais sobre o comportamento dos inacusativos/inergativos (7%), ainda que de forma menos expressiva do que nos sujeitos pospostos. (PISSURNNO, 2017, p. 188)

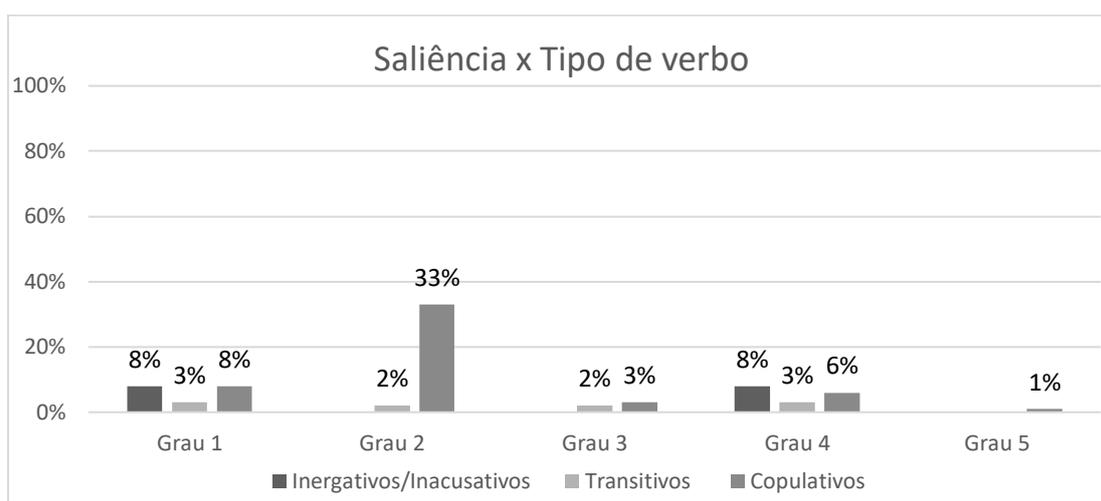
O segundo cruzamento, por sua vez, compara a interposição entre o tipo de verbo e a saliência fônica, atestando que a saliência tem maior peso sobre os dados ora investigados. Tal interferência já era prevista desde Lemle; Naro (1977), que já a reconheciam como uma variável bastante complexa, dependente de traços distintivos de acento e material fônico e também da estrutura formal do verbo.

Sendo assim, a atuação mais eficaz da saliência é confirmada nos seus graus mais baixos (1 e 2), mas o cruzamento aponta que somente no grau 1 há ocorrências de todos os tipos de verbo, ao passo que no grau 2 não há dados de verbos do tipo inergativo/inacusativo. Ademais, a correlação das variáveis sinaliza um comportamento do grau 4 não verificado anteriormente, como mostra o gráfico a seguir, de ser favorecedor da não concordância, ao contrário do que ocorre com os graus 3 e 5, que não se alteram e permanecem como condicionadores da marcação padrão:

Tabela 7 - Cruzamento de dados sem marca verbal de 3ª pessoa plural segundo *Saliência fônica* x *Tipo de verbo* no Português de Moçambique (PM)

	Verbos Inacusativos/Inergativos		Verbos Transitivos		Verbos Copulativos	
	Oc.	Perc.	Oc.	Perc.	Oc.	Perc.
Grau 1 – come(m) / fala(m)	21/263	8%	26/1004	3%	4/51	8%
Grau 2 – faz/fazem	0/1	-	4/197	2%	1/3	33%
Grau 3 – dá/dão	0/15	-	5/207	2%	3/116	3%
Grau 4 – comeu/comeram	3/40	8%	5/179	3%	1/18	6%
Grau 5 – é/são	0	-	0	-	2/257	1%

Gráfico 3 - Cruzamento de dados sem marca verbal de 3ª pessoa plural segundo *Saliência fônica* x *Tipo de verbo* no Português de Moçambique (PM)



Fonte: Pissurno (2017, p. 189)

Alguns exemplos do grau 4 podem confirmar essa tendência de não marcação, que reflete percentuais semelhantes aos do grau 1. No entanto, esses dados só são encontrados nas entrevistas de indivíduos do ensino fundamental, fator já sinalizado como desfavorecedor das marcas (menos anos de educação formal = maior tendência a não usar as marcas de concordância padrão):

- (25) são as crianças *nasceu* na minha vida (PMOC1H)
- (26) meus filho tudo já *casou...* (PMOC1H)
- (27) porque as dívidas *foi* uma coisa que ninguém sabia e de repente souberam (PMOA1M)

-
- (28) mas depois *veio* essas outras que nós nem estávamos habituado acho que vem alguém e forma uma igreja e/ou vai cobrar o dizimo (PMOC1M)
- (29) mas os valores morais *perdeu-se* muito (PMOC1M)

Com isso, conclui-se que a interferência de outras variáveis sobre o tipo de verbo é assegurada nos dados da presente amostra, confirmando, conseqüentemente, que os condicionamentos mais efetivos para o fenômeno da concordância são a posição do sujeito e a saliência fônica, quando comparados à atuação do tipo verbal. Tal constatação ratifica o fato de ter sido esta a última variável, quando selecionada, entre todos os outros fatores estatisticamente relevantes à não marcação.

Em suma, observou-se que desfavorecem as marcas de concordância: sujeitos pospostos, sintagmas sem marcas de plural, verbos inergativos/inacusativos e copulativos, assim como aqueles com baixa saliência fônica entre as formas singular e plural. Além disso, os exemplos retirados do *corpus* também revelam a atuação do grau 4 de saliência fônica e de sujeitos não expressos para o desfavorecimento das marcas, ainda que esses contextos sejam influenciados pela correlação com outras variáveis e que não sejam estaticamente significativos para a amostra como um todo.

3 DEBATE: REGRA SEMICATEGÓRICA OU VARIÁVEL?

Após a análise dos contextos condicionadores da não concordância, através de tabelas, gráficos e exemplificações, constata-se que as 75 ocorrências sem marcas de pluralidade são de natureza bastante variada. Nessas circunstâncias, torna-se possível um estudo comparativo entre as variedades do Português, levando em conta os índices quantitativos e qualitativos que assemelham e/ou distinguem a variedades moçambicana dos padrões descritos no Português Europeu (PE) e no Brasileiro (PB). Para tanto, inicia-se esse debate com a verificação do quadro abaixo, que aponta a distribuição dos fatores condicionadores da não marcação de plural nos verbos de 3ª pessoa, tomando Vieira; Brandão (2014) como base para a identificação das características do PB e do PE:

Quadro 1 – Distribuição dos condicionamentos para a não marcação de concordância nas três variedades: PB, PE e PM.

PB	PE	PM
Escolaridade (escalar)	-	Escolaridade (escalar)
-	-	Contato com línguas locais
Posição do sujeito (Sujeito Posposto)	Posição do sujeito (Sujeito Posposto)	Posição do sujeito (Sujeito Posposto)
Saliência Fônica (Graus 1 e 2)	Saliência Fônica (Graus 1 e 2)	Saliência Fônica (Graus 1 e 2)
Paralelismo Clausal (Ausência de marcas no sujeito)	-	Paralelismo Clausal (Ausência de marcas no sujeito)
Animacidade (Sujeito [-animado])	Animacidade (Sujeito [-animado])	-
Tipo de Verbo (intransitivos, inacusativos e copulativos)	Tipo de Verbo (intransitivos, inacusativos e copulativos)	Tipo de Verbo (intransitivos, inacusativos e copulativos)

Fonte: Pissurno (2017, p. 199)

A sistematização das características de cada variedade permite que se tracem algumas comparações. Em relação ao PE, o Português de Moçambique (PM) compartilha a atuação das seguintes variáveis: posição do sujeito (especialmente nos sujeitos pospostos), saliência fônica (apenas em graus baixos), tipo de verbo (inergativos/inacusativos e copulativos). No entanto, esses fatores, nos quais parece haver algum tipo de desconfiguração sintática que favorece a não marcação, são tidos como tendências gerais da Língua Portuguesa, de caráter mais universal:

[...] os dados de não marcação de pluralidade dessas variedades europeias limitam-se a contextos qualitativos específicos. [...] Nas raríssimas ocorrências sem marca de número nas amostras de Oeiras e Cacém, verificam-se sobretudo contextos marcados, em que estão presentes estruturas que universalmente favoreceriam a não realização da marca: verbos cuja diferenciação entre singular e plural são de menor saliência fônica; sujeito posposto; presença do relativo “que”; sujeito inanimado e verbos intransitivos, inacusativos ou copulativos. (VIEIRA; BRANDÃO, 2014, p. 94).

Quanto aos contextos compartilhados com o PB, no PM se verifica a sensibilidade aos condicionamentos sociais, como a escolaridade, e a maior variabilidade dos contextos linguísticos de ausência de marca de pluralidade: posição do sujeito (nos sintagmas pospostos, mas também encontrada em

antepostos); saliência fônica (em graus baixos e alguns casos de Grau 4); paralelismo clausal (tendência de maior marcação de plural no verbo conforme a presença de marcas no sujeito); animacidade do sujeito (embora não selecionada estatisticamente, também se encontram casos de sujeito [+animado] com verbo não marcado); tipo de verbo (mesmo sendo os inergativos/inacusativos e copulativos os maiores desfavorecedores da marcação padrão, encontram-se dados de não marcação com outros padrões de transitividade).

Dessa forma, mesmo que em termos quantitativos o PM se aproxime do PE, demonstrando comportamento de uma regra semicategórica (96,8% de concordância), a natureza estrutural das ocorrências e o forte desempenho das variáveis sociais aproximariam o PM do PB, em termos qualitativos, atuando, ao que parece, como uma regra variável.

Pissurno (2017) declara:

[...] o olhar tão somente quantitativo não deve ser o único a definir o tipo de regra com a qual estamos lidando. Isso quer dizer que considerar apenas o percentual geral de marcação de número obtido nessa amostra (96.8%) não seria o suficiente para estabelecer o que, ao que tudo indica, parece ser o caminho que o Português de Moçambique está traçando. A definição de que a concordância verbal retrata o uso de uma regra semicategórica pura e simplesmente por conta dos valores obtidos estabeleceria uma comparação desigual entre PM e PE quando os dados linguísticos são observados qualitativamente. (PISSURNO, 2017, p. 200).

Em poucas palavras, comparar o PM ao PE sem observar os dados qualitativamente seria ingênuo, pois equipararia as variedades em relação aos contextos linguísticos e extralinguísticos que, como foi explorado ao longo do trabalho, não são totalmente compatíveis. Da mesma sorte, até o presente momento, não se pode dizer que o PM representa uma regra variável nas mesmas proporções observadas no PB, já que o nível de concordância atestado é muito mais elevado do que os verificados nas variedades brasileiras.

Por conta desse cenário, é viável o estabelecimento de um *continuum* de marcação de pluralidade entre as variedades do Português, no qual o PM ficaria em uma posição intermediária, instaurando-se como uma variedade ainda em formação, buscando as características mais representativas de sua realidade social e o estabelecimento de suas regras mais particulares. Sendo assim, na busca por um perfil mais identitário, a oscilação entre o PB e o PE é perfeitamente compreensível, já que, a depender do perfil do informante, da localidade onde

ele vive e da forma como aprendeu o Português, os padrões fixados podem ser bem distintos.

Portanto, visualizando a noção de um *continuum*, acredita-se que a variedade moçambicana estaria em uma posição intermediária pelo fato de estar afastada dos traços mais definidores de uma ou de outra variedade. Em resumo, o PM ainda não se caracterizaria nem totalmente como a variedade de referência (PE), nem como uma variedade mais reestruturada (PB), o que significa que, possivelmente, esteja construindo uma identidade particular, influenciada, inevitavelmente, tanto pelo contato multilinguístico quanto pelos padrões de concordância das outras variedades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação sobre a concordância verbal de terceira pessoa do plural no Português de Moçambique permitiu, na presente pesquisa, a verificação de um estatuto de regra semicategórica, marcado por um alto índice (96,8%) de aplicação da variante padrão. Em relação aos dados de não marcação, mostraram-se relevantes, segundo a análise estatística, as seguintes variáveis: no plano social, as marcas são menos implementadas por falantes com menos anos de escolaridade e que tenham um contato mais intenso com línguas locais; no plano linguístico, as tendências de desfavorecimento da pluralidade encontram-se nos contextos de sujeito posposto, sintagmas nominais com menos marcas explícitas de plural, graus de saliência mais baixos e verbos inergativos/inacusativos e copulativos.

Entretanto, em termos qualitativos, a observação dos dados com ausência de marca propicia um debate acerca da regra que, de fato, atua sobre essa variedade. Em outras palavras, apesar de, estatisticamente, o PM ser similar ao PE, com expressa preferência pela concordância (marcação semicategórica), a instabilidade e a diversidade de estruturas nas quais há falta de pluralidade assemelha a variedade ao PB, que apresenta contextos mais variáveis de não marcação e é sensível a influências de caráter extralinguístico.

Ao que tudo indica, essa inconsistência de comportamento pode estar ligada ao fato de essa ser uma variedade ainda em formação, influenciada não só pelo seu suposto modelo de aquisição, o Português Europeu, mas pelo acesso às variantes do Português Brasileiro, especialmente através da mídia televisiva e, principalmente, pelo contexto multilíngue dentro do qual está sendo construída, no qual as línguas *Bantu* não possuem modelo de marcação de número sufixal.

Dessa forma, parece que não há, ainda, uma identidade linguística propriamente moçambicana e, sendo assim, todo tipo de influência pode acarretar na produção de novas características. Essas hipóteses podem ser aventadas a partir dos resultados aqui relatados, já que, em primeiro lugar, os fatores sociais se comportam de maneira expressiva sobre os padrões de uso e, em um segundo momento, os contextos linguísticos revelam oscilações em estruturas que favorecem, na maioria das vezes, a marcação de plural (sujeitos com traços positivos para a animacidade e antepostos, verbos com alta saliência fônica, etc.).

Assim, conclui-se que a variedade analisada pode ser localizada em uma posição intermediária, ao se pensar em um *continuum* de padrões de concordância, indicando o comportamento de uma variedade em formação, em busca dos traços mais particulares que a caracterizem num dado momento, como propriamente moçambicana.

Com isso, espera-se que o presente artigo contribua para os estudos sobre o PM, que carecem de maior aprofundamento sociolinguístico. Logo, os próximos passos a serem dados, para conhecer mais sobre o perfil da variedade, envolvem a ampliação da amostra e a observação mais detalhada sobre a oposição Português L1 x L2.

REFERÊNCIAS

- APPEL, René.; MUYSKEN, Pieter. Psychological dimensions of bilingualism. In: *Language, contact and bilingualism*. Amsterdam: Amsterdam University, p. 73-81, 2005a.
- _____. Language maintenance and shift. In: *Language, contact and bilingualism* p. 32-45. Amsterdam: Amsterdam University, 2005b.
- GONÇALVES, Perpétua. *A gênese do Português de Moçambique*. Lisboa: INCM, 2010.
- KRASHEN, Stephen D. *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. Oxford: Pergamon Press, 1982.
- _____. *Input Hypothesis: Issues and Implications*. London: Longman, 1985.
- LABOV, William. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, Christina B.; TUCKER, Richard G. (Org.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 235-250.
- PISSURNO, Karen C. S. *A concordância verbal de terceira pessoa do plural na variedade moçambicana do Português: uma abordagem sociolinguística*. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2017.

_____. Padrões de concordância verbal de terceira pessoa do plural no Português de São Tomé e no Português de Moçambique. In: BRANDÃO, Silvia F. (Org.). *Duas variedades africanas do Português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. Blucher: São Paulo, 2018, p. 245-275.

ROMAINE, Suzanne. Introduction to the study of Bilingualism. In: *Bilingualism*. (2nd ed.). Oxford: Blackwell, 1995, p. 1-22.

SCHERRE, Marta. M. P.; NARO, Anthony. J. Duas dimensões do paralelismo verbal no Português popular do Brasil. *DELTA*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 1-14, 1993.

_____; _____. A concordância de número no Português do Brasil: um caso típico de variação inerente. In: HORA, Dermeval. (Org.) *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Ideia, p. 93-114, 1997.

_____; _____. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. *SCRIPTA*, Minas Gerais, v. 9, n. 18, p. 107-129, 2006.

_____; _____. CARDOSO, Carolina R. O papel do tipo de verbo na concordância verbal no português brasileiro. *DELTA*, São Paulo, v. especial, n 23, p. 238-317, 2007.

SITOE, Bento; NGUNGA, Armindo. *Relatório do II Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas*, NELIMO – Centro de Estudos das Línguas Moçambicanas, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2000.

VIEIRA, Silvia R.; BRANDÃO, Silvia F. Tipologia das regras linguísticas e estatuto das variedades/línguas: a concordância em português. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 81-112, 2014.

_____; BAZENGA, Aline M. A concordância de terceira pessoa plural: padrões em variedades do Português. In: VIEIRA, Silvia R. (Org.). *A concordância verbal em variedades do Português*. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2015, p. 27-75.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical foundations for theory of linguistic change. In: LEHMANN, Winfred; MALKIEL, Yakov. (Eds.) *Directions for Historical Linguistics*, p. 97-195. Austin: University of Texas Press, 1968.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 28/02/2019.

Aprovado em sistema duplo cego em: 07/06/2019.